

Thomas
e sua
inesperada
vida
após a
morte

EMMA TREVAYNE

Thomas
e sua
inesperada
vida
após a
morte

Tradução

ÁLVARO HATTNER

S E Q U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2015 by Emma Trewayne

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL *The Accidental Afterlife of Thomas Marsden*

CAPA Lizzy Bromley

ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2015 by Glenn Thomas

PREPARAÇÃO Carla Bitelli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trewayne, Emma

Thomas e sua inesperada vida após a morte / Emma Trewayne ;
tradução Álvaro Hattner. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: *The Accidental Afterlife of Thomas Marsden.*
ISBN 978-85-5534-010-9

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

16-03794

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/edoraseguinte

contato@seguinte.com.br

UM OSSOS



THOMAS MARSDEN TINHA ONZE ANOS quando cavou sua própria sepultura.

Era o vigésimo nono dia de abril, mas só por mais uns poucos momentos; ele também teria onze anos só por mais uns poucos momentos. Quando acordasse de manhã, haveria um pequeno bolo de mel ao lado de sua tigela de mingau, e ele daria uma só mordida nele todos os dias, até acabar. No ano anterior, tinha conseguido fazer o bolo durar quase uma semana.

A meia-noite estava clara e iluminada, com um ar de verão na primavera, e as lápides brilhavam como uma boca cheia de dentes sob a lua. Aquilo seria muito mais complicado se estivesse chovendo. Os dedos de Thomas rodeavam o cabo da pá enquanto ele olhava para a frente e para trás pelos lotes, esperando que alguém falasse com ele, do jeito que fora ensinado.

Quando era menor, a tarefa de Thomas era vigiar, mantendo olhos e ouvidos atentos para qualquer um que pudesse pensar em impedi-los. Isso quase aconteceu algumas vezes.

Agora, porém, já fazia algum tempo que ele tinha idade suficiente para cavar.

Atrás dele, o pai esperava. Queria ver se Thomas “tinha ossos”. Era assim que Silas Marsden chamava aquela sensação de saber qual túmulo poderia conter a pilhagem que os alimentaria, que manteria as velas de sebo acesas por mais um tempo.

Os teixos lançavam sombras de fantasmas altos e escuros, acenando os braços retorcidos e balançando a cabeça descontrolada e folhosa. As estrelas espiavam com olhos brilhantes e atentos, piscando de horror diante da profanação que estava prestes a acontecer.

Mas elas não sabiam nada sobre barriga vazia e falta de carvão. Sempre tiveram fogo.

— Vai logo — reclamou Silas. — Encontre seus ossos, ou eu encontro.

Thomas não queria isso. O pai era sempre um pouco mais generoso quando o garoto fazia o trabalho — e gostava de ter outra pessoa a quem culpar se fracassassem.

Thomas virou para um lado e para o outro, então congelou.

— Você ouviu isso? — o garoto perguntou. Eram passos, ele tinha certeza. O som muito específico de alguém tentando não fazer ruído.

Tap, tap, tap sobre a grama macia entre as sepulturas.

— Não estou ouvindo nada. Se eu não conhecesse você tão bem, ia achar que está assustado. Você não está, não é?

Thomas endireitou os ombros. Não estava com medo. Talvez não fosse nada. Só as árvores ou um animal. Nunca se sentia sozinho em um cemitério.

— Por aqui — ele disse, andando na direção oposta àquela para onde os passos possivelmente imaginados tinham segui-

do. Com a pá apoiada no ombro, eles caminharam com dificuldade pelas trilhas, carregando sacos que esperavam encher em breve.

Para além das paredes do cemitério, a cidade vívida e fedorenta parecia muito distante, banida daquela terra de mortos. Thomas deixou cair o saco e a pá ao lado de uma lápide que estava se desfazendo. Nela, conseguia distinguir o nome COSGROVE, porque a mãe insistira até ele aprender a ler.

Naquele trabalho sempre havia uma escolha a ser feita. Sepulturas mais antigas costumavam já ter sido reviradas e pilhadas, mas o conteúdo das intocadas poderia valer um punhado de moedas. As mais novas garantiam alguns trocados, mas rara era aquela que os alimentava por um mês.

Cavar não era um trabalho fácil. Era cansativo, de quebrar as costas, interminável. As lâminas das pás devoravam a terra e depois mergulhavam para outra bocada, apenas para cuspi-la sobre um monte que crescia ao lado do buraco cada vez maior. Quando os braços já não alcançavam mais — o que acontecia antes para ele do que para seu pai —, Thomas saltava para dentro da sepultura e tentava não pensar no que havia sob seus pés.

Então vinha o momento em que o metal acertava a madeira e Thomas podia soltar seus dedos cheios de bolhas, porque o serviço estava quase no fim. O fedor começava a aflorar, um cheiro de doença e deterioração. Thomas cobria o nariz com a manga da camisa esfarrapada, que não cheirava muito melhor.

Desta vez a madeira apodrecida rachou primeiro com um

golpe de pá, e mais uma vez quando Silas desceu para tirar a tampa do caixão, após abrir os fechos enferrujados.

— Nada mal — ele murmurou. — Nada mal mesmo. Se for bem polida e encontrarmos o comprador certo, isso vai nos dar algum lucro. — Uma escova de prata, as cerdas há muito transformadas em pó, brilhava em sua mão. Thomas se esforçava para não olhar para o lugar de onde ela fora tirada, entre duas mãos que agora não eram nada além de ossos, mas nunca conseguia resistir completamente.

O corpo inteiro não era nada além de ossos, ossos e aberturas: boca, nariz, orelhas e olhos. Depois que o corpo havia sido enterrado e esquecido, duas moedas de prata tinham caído na madeira com barulhos estalados que não foram ouvidos por ninguém.

— Acho que você pode ficar com uma — disse o pai, daquele jeito dele. Não era um homem cruel, e sempre dava a Thomas uma pequena parte da pilhagem se o ajudasse. Uma parte maior se o garoto escolhesse bem o túmulo. Na maioria das vezes, Thomas colocava tudo na bolsa da mãe para que ela pudesse voltar do mercado com algumas migalhas a mais.

A escova, uma caixa de música, a outra moeda e um par de fivelas de sapato foram para dentro do saco de Silas. Nada mal para uma noite. Thomas saiu de dentro da cova e os dois rapidamente devolveram a terra acumulada ao buraco, formando uma pequena montanha. À luz do dia ficaria claro que alguém tinha remexido o túmulo, mas, quando aquilo acontecesse, eles já estariam longe.

— Temos tempo para mais uma.

A lua ainda brilhava alta no céu. Logo isso não seria mais possível, com os dias ficando mais compridos e quentes, roubando a escuridão que os encobria. No inverno era melhor: podiam sair antes da ceia. Porém, nos dias mais frios, quando o chão chegava a congelar, levavam uma noite inteira para abrir uma sepultura.

Thomas conduziu o pai cada vez mais para longe, quase até o muro que cercava o cemitério, e por pouco não bateu palmas de alegria ao encontrar uma sepultura tão nova que sequer tinha lápide. Não havia nenhum nome para ler ou idade que pudesse surpreender. E era muito mais fácil abrir um túmulo novo, a terra ainda solta e macia, dando as boas-vindas ao corpo.

— Essa é fácil, né? Bom trabalho. — O pai de Thomas deu um tapinha em seu ombro com a mão calejada. Os objetos no saco fizeram barulho quando ele o colocou no chão, e os dois aprontaram as pás.

Não tiveram que cavar muito.

Não havia nenhuma madeira para rachar.

A quase um metro, a pá de Thomas atingiu algo que certamente não era um caixão.

— Que diabos...? Cuidado!

Thomas ficou de joelhos e começou a afastar a terra com as mãos. O cadáver era novo, roliço e frio, e o pano que o cobria ainda estava inteiro. Vermes e outras criaturas não tinham aparecido.

Ele limpou a sujeira do rosto daquele corpo, e seu sangue ficou mais frio do que a pele do cadáver. Então, como se fizesse diferença, o garoto tirou atrapalhado a terra do resto

do corpo em punhados grandes. Não fazia diferença, nenhuma mesmo, mas uma dúzia de sentimentos sufocou Thomas como um osso de frango preso na garganta, porque olhar para o corpo era como... como olhar fixamente para a superfície de uma lagoa em um dia claro.

Quando Silas Marsden disse a Thomas para encontrar “seus ossos”, não era aquilo que tinha pensado. Na sepultura estava o próprio Thomas, com as mesmas unhas maltratadas e a mancha no rosto, como sempre se via no pedaço de espelho que possuía.

Silas Marsden sussurrou uma prece.

Não havia uma diferença sequer, pelo que Thomas conseguia ver. Era verdade que ele não estava coberto de terra e que sua pele estava mais morna do que o cadáver, mas aquelas coisas não eram tão importantes. O rosto, as mãos, o peito magro que viram quando Silas abriu a veste com a extremidade da pá — apesar da cena chocante, o pai não conseguiu resistir ao impulso de conferir se não havia nada de valor sob o pano — eram idênticos.

— Não entendo — disse Thomas. — É igual a mim. Por quê?

— Vamos enterrar de novo — disse o pai rispidamente, parecendo responder a uma pergunta diferente enquanto olhava as estrelas. — Não tem nada pra gente pegar. Enterramos e vamos embora daqui. Vai, rápido.

— Mas...

— Faz o que eu digo, ou vai sentir o peso da minha mão, garoto!

— Mas ele está segurando uma coisa! — disse Thomas, surpreso. O pai nunca tinha batido nele, nem mesmo quando o garoto deixava cair o jantar, quebrava uma caneca ou furava a blusa. Ele sabia que muitos outros não tinham essa sorte. Silas estava com medo, uma coisa tão incomum para Thomas que ele precisou de um momento para perceber.

Ele não conseguiu fazer o que o pai pediu, porque o pai estava errado. Puxou um rolinho de papel dos dedos frios que eram idênticos aos seus.

Silas espiou sob a luz da lua.

— O que diz? Lê essas letras que sua mãe fez você aprender, e que eu nunca entendi por quê.

A tinta azul era tão escura que parecia preta. À primeira vista, a caligrafia rebuscada não lembrava em nada as letras que a mãe lhe ensinara com tanta dificuldade, mostrando em voz alta o som de cada uma e juntando-as para formar palavras. Thomas apertou os olhos enquanto as formas pareciam contorcer-se e mudar.

— Aqui diz “Meu nome é Cardo” — sussurrou ele. Um nome esquisito. Um sentimento estranho tomou conta de Thomas, uma onda de desespero, de medo do garoto aos seus pés, tão clara quanto se o menino pudesse falar e tivesse sussurrado que estava triste e com medo. Estranho. Mas não havia nada ali que não fosse estranho, e havia mais.

Não leia isto em voz alta. Vá. Use um chapéu. Observe. Não fale para ninguém. Isso é essencial.

Havia mais três pedaços de papel no chão. Thomas os recolheu. Eram impressos com letras normais. Ele já tinha visto algo semelhante quando haviam dado sorte com as sepulturas e a mãe usara parte do dinheiro para levá-lo ao teatro.

No entanto, os ingressos daquela vez não eram de um cartão tão grosso nem tinham detalhes dourados nos cantos. O teatro não ficava num lugar tão chique da cidade quanto o endereço que tinha em mãos.

A apresentação seria na noite seguinte.

— É só uma brincadeira idiota — disse Silas, segurando a pá com mais força, superando a distração. — Comece a trabalhar.

Thomas deslizou o bilhete e os ingressos para dentro do bolso.

Calos queimavam a palma de sua mão. Ele derrubou a primeira carga da terra lentamente na cova, cobrindo o rosto que era o seu. Mais uma pá de terra, bem devagar. Mas seu ritmo não importava, porque o pai trabalhava como se estivesse possuído, pegando torrões enormes e jogando-os dentro do túmulo, a respiração ofegante e alta na noite silenciosa.

Ele não disse mais nada para Thomas, nem quando terminaram, nem na longa caminhada para casa, nem quando abriu a porta que rangia e apontou na direção da cama, na verdade nada mais do que uma pilha de cobertores devorados por traças perto da lareira.

Quando havia carvão, a mãe deixava algumas brasas brilhando para que um pouquinho de calor o envolvesse enquanto entrava sob o cobertor de cima — o mais fino e puí-

do. Os outros formavam uma espécie de ninho que aliviava um pouco o chão duro. Na maioria das noites, ele estava tão exausto depois de horas e horas no cemitério que ficava feliz em poder dormir assim que voltava. Mas naquela noite foi diferente.

Sabia que não poderia estar tão cansado quanto seus ossos na sepultura, que nunca mais se moveriam.

Aquilo não fazia nenhum sentido. Os Robertson, que moravam no fim da rua, tinham duas filhas, gêmeas, que eram tão iguais que Thomas não sabia dizer qual delas acenava para ele na rua. Mas seus pais nunca tinham dado qualquer indício de que ele tivesse um irmão. Thomas ansiava por perguntar, mas Silas pendurou o casaco e a pá nos pregos ao lado da porta e atravessou o cômodo pisando forte com meias que precisavam ser remendadas. A porta para o quarto bateu com força suficiente para acordar a mãe, que dormia lá dentro.

Vozes começaram a deslizar como fumaça através das rachaduras na madeira. Apenas sussurros, que não ficaram mais altos nem mesmo quando Thomas saiu furtivamente da cama para encostar a orelha nas tábuas de madeira ásperas e cheias de farpas. O chão estava frio e ele sentia uma corrente de ar no pescoço, mas não se mexeu exceto para se sentar quando suas pernas já não o aguentavam.

Quando acordou, estava na cama, quentinho, o fogo incandescendo na lareira. Uma colher comprida batia na borda de uma panela de metal pendurada sobre as chamas por um gancho.

— Acorde. Seu café da manhã está pronto — disse a mãe.

— Venha. — Ela parecia cansada, tinha olheiras fundas, mas sorria como sempre. Seus cabelos caíam em cachos sobre o xale.

— No cemitério... — Thomas começou, recordando.

— Ali tem água limpa. Lave as mãos, porque acho que você não fez isso antes de dormir, e não quero que deixe minhas colheres imundas. É como eu sempre digo: quem tem uma centena delas pode deixá-las sujas, mas eu não posso.

Talvez ela o deixasse fazer suas perguntas se ele obedecesse. Aquilo acontecia com bastante frequência com a mãe, que ficava mais gentil a cada tarefa completada. Thomas tinha aprendido aquilo cedo.

Ele saiu do ninho de cobertores que tinha se tornado quase quente demais sob o calor do fogo e mergulhou as mãos no balde que havia no canto. Fria demais. Tudo era sempre quente demais ou frio demais. Geralmente era a segunda opção, mas naquele dia o garoto queimou a língua no mingau. A mãe devia ter deixado na panela por muito mais tempo do que de costume enquanto ele dormia. O bolo de mel estava em um prato lascado, mas Thomas tinha coisas mais importantes em que pensar.

— Ontem à noite...

A mãe começou a assobiar enquanto esfregava as prateleiras dos copos e das tigelas. Ela não gostava quando ele assobiava. Dizia que era falta de educação.

— Onde está o papai?

Por fim, Lucy Marsden encarou Thomas.

— Saiu — ela disse, as juntas dos dedos brancas, apertando

com força o trapo que tinha na mão. — Avisou que vai voltar logo e com um pedaço de torta para o almoço. Sei que vocês dois encontraram algo estranho ontem à noite, mas não vou discutir isso, não sem o seu... não sem Silas aqui. Então seja um bom menino, faça a lição e espere.

Thomas sabia duas coisas: que havia algo que não estavam lhe contando e que a mãe estava decidida a não falar nada, não importava o quanto ele pedisse.

Então ele tivera um irmão. Com certeza era aquilo. Um irmão com uma marca de nascimento idêntica. Nem as gêmeas tinham aquilo, pelo que Thomas sabia. Não que tivesse perguntado, ou tivesse motivo para isso.

Na verdade, não era tão estranho assim dar uma criança para adoção. Onde alguém mais dormiria naquela casa? Nas noites em que não havia comida, nem pão ou batatas velhas surrupiadadas do carrinho de mão do verdureiro, uma boca a menos para alimentar devia ter parecido uma bênção.

Agora, porém, seu irmão estava em uma sepultura, e um sentimento desconfortável de vazio percorria Thomas da barrega até os dedos das mãos e dos pés.

Era da natureza dos negócios dos Marsden, se aquilo poderia ser chamado de negócio, que Thomas visse muito mais do que um número razoável de corpos frios e esqueletos apodrecendo até virar pó. No entanto, o menino na sepultura parecia saudável, como se o tom rosado tivesse sido apenas temporariamente roubado de seu rosto e fosse voltar a qualquer momento.

O garoto estremeceu. Não conseguiu terminar o mingau,

só pensava naquilo. A mãe nem mesmo lhe mandou limpar a tigela; simplesmente a tirou, substituindo-a por um livro, como se fosse um dia como qualquer outro, embora fosse tudo menos aquilo. O livro era pesado e estava gasto. As palavras longas pareciam desbotadas e havia páginas rasgadas. A luz do fogo tremulava diante do papel enquanto a mãe tirava o pó de coisas que já estavam tão limpas e arrumadas quanto seria possível naquele cômodo abafado e escuro.

Tum-tum-tum.

O som das botas do pai na entrada da casa fez Thomas endireitar o corpo e a mãe deixar cair o pano. As dobradiças rangeram e Silas Marsden entrou, o rosto avermelhado e suado. Nas mãos, trazia um embrulho de papel pardo gorduroso, que colocou sobre a mesa.

— Tudo bem? — perguntou a mãe.

— Tudo. — Mas, pelo tom de Silas, não parecia estar. Sua voz estava baixa e mais rouca do que de costume. Ele fixou os olhos em Thomas. — Precisamos conversar, garoto. Algumas coisas seu... algumas coisas a gente devia ter contado antes.

Thomas podia sentir o cheiro da torta, com carne de verdade nela. Bem, era o aniversário dele.

— Eu tinha um irmão — ele disse, esperando que os dois confirmassem. Seu pai fez uma careta e sua mãe entreteceu os dedos das mãos.

— Até pode ser — disse Silas. — A verdade é que não temos como saber. Veja, lá estávamos nós, nos virando do jeito que podíamos. Nunca apareceu nenhum bebê. Mas sua mãe queria um, e eu via as... as vantagens, vamos dizer assim,

de ter alguém que pudesse aprender os macetes do negócio. Negócio engraçado, roubar túmulos. Tem que tratar com respeito. Você consegue o que merece. Vai lá com um sorriso na cara e uma pá na mão, e pode encontrar riquezas. Cave como se estivesse cavando para o diabo, e você não vai encontrar nada além de sujeira.

Antes que o menino pudesse abrir a boca, a mãe falou:

— O que seu pai quer dizer é que, bem, nós meio que encontramos você, mais ou menos.

— Me encontraram? — Thomas perguntou, piscando. — Onde?

Embora estivesse vermelho alguns minutos antes, o rosto de Silas empalideceu diante da luz alaranjada que vinha da lareira.

— É isso mesmo — ele disse, quase para si próprio. — A gente encontrou você dentro de um túmulo. Encurvado contra uma lápide e quieto como um fantasma.